

Mais de 60% dos paulistanos acreditam no pecado

DataFolha

A preocupação com a segurança e com os problemas sociais influi no conceito de pecado adotado pela maioria dos paulistanos. Esta simbiose entre o sentimento religioso e as dificuldades do dia-a-dia é uma das conclusões da Pesquisa Folha desta semana. "Nem sempre o que é pecado para mim é para você também", disse um dos mil paulistanos entrevistados. "Mas existem coisas que acho pecados para todos: violência, fome."

A predominância desse ponto de vista talvez explique por que, embora 64,4% dos paulistanos acreditem no pecado, somente 52,6% consideram-se pecadores. O maior pecado é matar (27,2%), roubar (21,7%), ou é a fome e a miséria (7,3%), a falta de amor e a desumanidade (4,4%). Essas opiniões retratam a conotação social que o pecado tem atualmente para os habitantes da cidade.

As mulheres acreditam mais no pecado (67,6%) do que os homens (61,2%). E quanto maior é sua renda

familiar, menos o paulistano acredita no pecado: no nível sócio-econômico mais baixo, é de 69,8% a proporção dos que acreditam, enquanto entre os de nível de renda familiar mais alto, só a metade (50,8%) acredita.

Os protestantes acreditam mais no pecado do que os católicos: 91,9% dos pentecostais responderam afirmativamente a essa questão, contra 88,9% dos protestantes tradicionais e 68% dos católicos. Menos ainda acreditam os espíritas (43,9%) e, obviamente, os que se declararam sem religião (37,9%). Estes eram 11,6% do total de entrevistados.

Embora a crença no pecado seja predominante, o medo de morrer sem ter tido a chance de arrependimento só é compartilhado por 28,2% dos paulistanos. E são as mulheres (30,2%) e os de renda mais baixa (39%) os que mais confessam tal medo. Os mais idosos (56,0%), os mais pobres (53,9%) e os sem escolaridade (73%) são os que mais se consideram pecadores.

Os pecados sexuais —adultério,

infidelidade e libertinagem— só recebem a condenação de 8,7% dos pesquisados. Adultério e infidelidade são condenados por 5,3% e a libertinagem, ou pecados ligados à prática livre da sexualidade, por 3,4%. E é entre os protestantes, sobretudo os pentecostais (21,6%), que aparecem as mais altas taxas de condenação ao adultério, que é também mais condenado pelos paulistanos de maior renda. Entre os entrevistados mais pobres, o homicídio, o roubo e a avareza são considerados pecados mais graves que a libertinagem sexual, que só recebe a condenação de 2,8% deles. Os jovens entre os 16 e os 19 anos também parecem ter sua consciência em paz com relação ao sexo: apenas 2,5% reprovam o adultério e só um em cada cem o amor livre.

O planejamento e a orientação científica da Pesquisa Folha são do sociólogo prof. dr. Reginaldo Prandi, docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo. A pesquisa sob a coordenação do sociólogo Antonio Manoel Teixeira Mendes é uma realização do DataFolha. A formulação dos temas e a interpretação dos resultados são de responsabilidade da redação.

O (a) Sr. (a) acredita em pecado?																							
CATEGORIAS	SEXO E IDADE						Subtotal	NÍVEL DE RENDA FAMILIAR					FAIXA ETÁRIA					ESCOLARIDADE					TOTAL
	HOMEM			MULHER				TOTAL															
	16 a 19 a	20 a 29 a	30 anos ou +	16 a 19 a	20 a 29 a	30 anos ou +		H	M		Até 4 S.M.	De 4 a 10 S.M.	De 10 a 15 S.M.	16 a 19 S.M.	20 a 29 S.M.	30 anos ou +	nenh.	prim.	gins.	colég.	univer.		
SIM	57,0	64,0	60,5	62,0	66,5	71,5	61,2	67,6	64,4	69,8	64,8	50,8	59,5	65,2	66,0	78,4	70,5	70,3	57,8	51,1	64,4		
NÃO	39,0	34,0	36,0	35,0	31,0	26,0	32,8	26,5	32,7	48,2	37,0	32,5	31,0	13,5	25,8	27,4	39,4	47,5	32,8				
NÃO SABE	4,0	2,0	3,5	3,0	2,5	2,5	3,0	2,6	2,8	3,7	2,5	1,0	3,5	2,3	3,0	8,1	3,7	2,3	2,8	1,4	2,8		
NUMERO DE ENTREVISTADOS	100	200	200	100	200	200	500	500	1000	486	315	199	200	400	400	37	217	317	287	141	1000		

Na sua opinião, qual é o pecado mais frequente no mundo de hoje?																								
CATEGORIAS	SEXO E IDADE										TOTAL	NÍVEL DE RENDA FAMILIAR					FAIXA ETÁRIA							TOTAL
	HOMEM			MULHER			Subtotal					ESCOLARIDADE												
	16 a 19 a %	20 a 29 a %	30 anos ou + %	16 a 19 a %	20 a 29 a %	30 anos ou + %	H	M	Até 4 S.M.	De 4 a 10 S.M.		De 10 a 15 S.M.	16 a 19 S.M.	20 a 29 S.M.	30 anos ou + %	nenh.	prim.	gins.	colég.	univer.				
Matar	24,0	23,5	24,0	32,0	31,5	29,0	23,8	30,6	27,2	29,6	28,3	19,6	28,0	27,4	26,4	37,8	34,1	30,2	23,7	13,5	27,2			
Roubar	25,0	18,0	21,5	23,0	19,5	25,5	20,8	22,6	21,7	24,9	19,4	17,6	24,0	18,8	23,4	27,0	27,6	24,0	19,9	9,9	21,7			
Fome/Miséria	10,0	10,5	4,5	9,0	6,5	5,5	8,0	6,6	7,3	4,7	10,5	8,5	9,5	8,5	5,0	2,8	3,7	5,4	10,1	12,8	7,3			
Adultério/Infidelidade	1,0	6,5	5,5	4,0	6,5	5,5	5,0	5,6	5,3	4,5	5,4	7,0	2,5	6,5	5,5	5,4	1,9	7,6	3,8	8,5	5,3			
Inveja e ou Avareza	3,0	4,5	5,0	5,0	3,5	5,5	4,4	4,6	4,5	4,9	4,4	3,6	4,0	4,0	5,3	2,7	4,6	3,5	5,9	4,3	4,5			
Falta de Amor/Desumanidade	2,0	2,5	7,5	4,0	6,0	3,0	4,4	4,4	4,4	3,7	5,1	5,0	3,0	4,3	5,3	10,8	2,3	4,4	4,5	5,7	4,4			
Mentira/Falsidade	4,0	5,5	6,0	—	4,5	2,5	5,4	2,8	4,1	3,3	4,1	6,0	2,0	5,0	4,3	—	2,3	3,2	4,9	8,5	4,1			
Sexo/Libertinagem	1,0	4,0	2,0	1,0	3,0	7,0	2,6	4,2	3,4	2,8	3,8	4,6	1,0	3,5	4,5	5,4	4,6	2,2	1,8	7,1	3,4			
Outros	16,0	11,5	9,5	8,0	8,5	7,0	11,6	7,8	9,7	8,6	12,7	7,5	12,0	10,0	8,3	—	7,4	9,7	12,2	10,6	9,7			
Não Sabem/Não Tem Opinião	14,0	13,5	14,5	14,0	10,5	9,5	14,0	10,8	12,4	13,0	6,3	20,6	14,0	12,0	12,0	8,1	11,5	9,8	13,2	19,1	12,4			
NUMERO DE ENTREVISTADOS	100	200	200	100	200	200	500	500	1000	468	315	199	200	400	400	37	217	317	287	141	1000			

O (a) Sr. (a) se classifica como um pecador?																							
CATEGORIAS	SEXO E IDADE								TOTAL	NÍVEL DE RENDA FAMILIAR			FAIXA ETÁRIA					ESCOLARIDADE					TOTAL
	HOMEM			MULHER			Subtotal	Até 4 S.M.		De 4 a 10 S.M.	+ de 10 S.M.	16 a 19 a	20 a 29 a	30 anos ou +	nenh. %	prim. %	gins. %	colég. %	univer. %				
	16 a 19 a	20 a 29 a	30 anos ou +	16 a 19 a	20 a 29 a	30 anos ou +														H	M		
SIM	48,0	58,5	59,5	48,0	44,5	52,5	56,8	48,4	52,6	53,9	53,0	48,7	18,0	51,4	56,0	73,0	56,2	56,5	46,7	44,7	52,6		
NÃO	47,0	36,5	36,0	48,0	50,0	42,0	38,4	46,4	42,4	38,9	44,1	48,2	47,5	43,3	39,0	21,6	35,9	36,9	50,5	53,9	42,4		
NÃO SABE	5,0	5,0	4,5	4,0	5,5	5,5	4,8	5,2	5,0	7,2	2,9	3,1	4,5	5,3	5,0	5,4	7,9	6,6	2,8	1,4	5,0		
NUMERO DE ENTREVISTAS	100	200	200	100	200	200	500	500	1000	486	315	199	200	400	400	37	217	317	287	141	1000		

Igreja mudou, mas ainda condena

FERNANDO PESSOA FERREIRA
Da Reportagem Local

"Não existe pecado do lado de baixo do Equador." Bastaria este verso para condenar Chico Buarque pelo pecado da blasfêmia, que poderia ser punido com a prisão perpétua ou a morte na fogueira. Isso se ele o tivesse escrito e divulgado na primeira metade do século 17, época em que se passaram os acontecimentos descritos na peça "Calabar", de cujo texto faz parte a (outrota) audaciosa afirmação de Chico. Naqueles tempos, os brasileiros acusados de pecados mais graves não corriam apenas o risco de ir para o inferno: estavam sujeitos a julgamento pelo Tribunal do Santo Ofício (Inquisição), que poderia submetê-los a tortura e condená-los à degradação pública, ao confisco dos bens, à prisão perpétua, ou entregá-los ao "braço secular", eufemismo com que se designava a morte na fogueira.

"Somente na primeira metade do século 18, 21 brasileiros foram queimados vivos e outros quinhentos foram condenados à prisão perpétua. Todos acusados de heresia", informa a historiadora Anita Novinsky, professora de História do Brasil da Universidade de São Paulo e autora do livro "Cristãos Novos na Bahia", no qual faz um levantamento das atividades da Inquisição no período colonial. "Por heresia", diz ela, "entendia-se toda e qualquer prática considerada contrária aos dogmas da Igreja Católica Romana". Como, por exemplo, tomar banho com frequência ou trocar de camisa numa sexta-feira. Essas foram duas das acusações que terminaram levando à fogueira o brasileiro Antonio José da Silva, considerado hoje o mais importante autor teatral do século 18 em língua portuguesa.

Antonio José da Silva foi queimado em Lisboa, no dia 18 de outubro de 1739. Outras cinquenta pessoas de sua família também foram presas e julgadas pela Inquisição, mas pegaram pena mais leve: prisão perpétua. Pesava contra eles a acusação de serem "cristãos novos", ou seja, descendentes de judeus convertidos ao catolicismo em fins do século 15, em Portugal. Seus descendentes carregariam essa pecha para sempre, não importando quantas gerações se passassem. Um filme sobre a vida e o martírio de Antonio José da Silva está sendo rodado em Portugal, com produção franco-luso-brasileira e direção do cineasta gaúcho Jom Job Azuly. Nele, a atriz brasileira Dina Sfat interpretará a mãe do escritor queimado pela Inquisição.

O braço secular mudou

Evidentemente, tudo isso é coisa do passado. Os tribunais inquisitoriais desapareceram, na prática, por volta

de 1820, tanto em Portugal como na Espanha, onde se mantiveram ativos durante cinco séculos. No Brasil, nunca chegaram a ser instalados: os brasileiros denunciados ao Santo Ofício eram presos e enviados para julgamento em Lisboa, onde cumpriam suas penas. Teria mudado o conceito de pecado, vigente na época em que o dominicano espanhol e grande inquisidor de Aragão, Frei Nicolau Emérico (1320-1399), escreveu o seu "Directorium Inquisitorium" (Manual dos Inquisidores), no qual ensinava como interrogar, torturar e punir hereges e outros pecadores, como os adúlteros e homossexuais? A Igreja é hoje mais benevolente com relação ao pecado?

Não. Segundo o padre Hélio Abran-

ches Viotti, 78, biógrafo do jesuíta José de Anchieta, o conceito católico do pecado continua inalterado: "Pecado é a desobediência à vontade de Deus. Pecados como o adultério e o homossexualismo permanecem gravíssimos. Só não são punidos com o rigor de outrora porque, antigamente, os Estados cristãos acompanhavam as leis da Igreja, o que já não ocorre."

Ainda assim, muitos católicos, para manter a consciência tranquila, confessam seus pecados regularmente. E o caso, por exemplo, de Pedro Zaccaria, zelador do Pomião (entidade que cuida do pão dos pobres), que se confessa quatro vezes por mês na igreja de São Francisco, no largo São Francisco, centro de São Paulo.

Editoria de Arte



GUIA DO PECADOR

"Pecado é uma palavra, uma ação ou um desejo contrários à lei de Deus" —esta definição de Santo Agostinho, adotada pela Igreja Católica Romana, é também aceita pelas igrejas protestantes.

Pecado mortal:

"E a transgressão da Lei Divina em matéria grave, realizada com plena advertência e consentimento deliberado".

Pecado venial:

"E a transgressão da Lei Divina em matéria leve, ou mesmo em matéria grave, mas com imperfeita advertência e imperfeito consentimento".

Pecados capitais:

Soberba, avareza, luxúria, gula, ira, inveja e preguiça (ou inércia). O pecado capital pode não ser mortal, dependendo da intensidade com que for cometido e da consciência com que for cometido. Para cometer um pecado é preciso, primeiro, que exista liberdade de opção; e segundo, que realmente a Lei de Deus tenha sido violada com plena advertência da mente.

CASTIGOS PARA OS PECADORES

Purgatório:

Estágio purificador a que são submetidas as almas antes de serem admitidas no céu. Só são dispensadas do purgatório aquelas que durante a vida terrena tenham sofrido tanto que mereçam ser anistiadas de sofrimentos adicionais. Ou então aquelas que, por sua santidade, mereçam ir diretamente para o céu. A duração do estágio no purgatório varia conforme o volume de culpas a expiar.

Inferno:

É pior do que a humana imaginação possa conceber. Para lá vão todos os que morrem em pecado mortal.

Informações fornecidas pelo padre Albanex, chanceler da Curia Metropolitana de São Paulo.



Rigor varia conforme a religião

Punir os pecadores com a morte na fogueira não foi uma exclusividade da Inquisição católica. "Em Genebra, centro do protestantismo calvinista na Suíça, muitos também foram queimados por heresia", diz a historiadora Anita Novinsky. Outra historiadora, Iara Nogueira, cuja formação protestante (é filha de um pastor presbiteriano) levou-a a pesquisar a história das igrejas evangélicas no Brasil, considera os protestantes mais rigorosos que os católicos na reprovação do pecado. "Esse rigor é mais pronunciado ainda nas igrejas pentecostais, que têm hoje mais de 60% dos evangélicos brasileiros." O fumo, o álcool e a dança são pecados graves para os

pentecostais. Sexo, então, nem se fala: "Mesmo no casamento", diz Iara, "o sexo é apenas tolerado". A definição de pecado permaneceu inalterada, mas, segundo o padre Márcio Fabre, 42, "a Igreja percebeu que ele está menos vinculado à desobediência a determinadas normas jurídicas, e mais ao conjunto da vida da pessoa. Ele não se define apenas por atos isolados e não ocorre simplesmente a nível individual, pois tem também uma dimensão social". O padre Fabre é diretor do Instituto Teológico de São Paulo e professor de Teologia Moral na Faculdade Teológica Nossa Senhora da Assunção, também em São Paulo. Para ele, não existe mais a Igreja que se

Jorge Araújo



O zelador Zaccaria se confessa ao frei Wilson na igreja de S. Francisco

confundia com os Estados e considerava pecado desobedecer a eles: "Você peca não por desobedecer à autoridade, mas por desprezar as razões de bem, de verdade e de justiça."

Trata-se de uma interpretação que certos religiosos talvez considerem demasiado liberal. Pois ainda há gente que pensa hoje como um dos paulistanos entrevistados pela Pesquisa Folha. "Tudo o que tem no mundo hoje é pecado. Todos os costumes vão contra os ensinamentos de Jesus Cristo."

Pontos de vista como esse são exceção, segundo o psiquiatra Edson Engels Garcia dos Santos, 34. Ele diz que no início de sua vida profissional, há onze anos, seus clientes mostravam muita dificuldade em relatar suas "culpas". Hoje, a maioria não tem essa relutância. "O pecado é uma sanção moral, e como tal é baseado no sentimento subjetivo de culpa. O elemento de motivação para a culpa é a necessidade que todas as pessoas sentem de serem aprovadas".

Religiões sem pecados

"Não existe a noção de pecado nas religiões orientais, nem nas religiões primitivas", afirma o monge budista Ricardo Gonçalves, 43, que é também professor de História Antiga e História das Religiões na Universidade de São Paulo. Na religião judaica, o conceito de pecado é substituído pelo de erro. "Para se obter o perdão de Deus para um erro", diz o rabino Marcelo Rittner, 38, da Congregação Israelita de São Paulo, "nós, rabinos, não somos intermediários: o próprio crente faz uma avaliação de seu comportamento durante o ano, na cerimônia do Rosh-Hashaná, e reconhece seus erros perante Deus".

Nas religiões afro-brasileiras, candomblé e umbanda, também não existe o pecado, na forma pela qual ele é definido pelo cristianismo. "Não temos sequer um equivalente da figura do Diabo", diz o jornalista Alexandre Kadunc, 53, diretor do jornal umbandista "Aruanda", mensário, editado em São Paulo. "Sou também 'relações públicas' dos orixás e exus, cargo não remunerado. Ao contrário do que muita gente pensa, os exus não são demônios. São apenas mensageiros dos orixás (deuses), carregados de energias que não são especificamente negativas nem positivas, mas podem ser manipuladas nas duas direções."

Ângela Soares Rossi, 13, aluna da 8ª série do Colégio Vera Cruz, na Vila Beatriz (zona Oeste de São Paulo), pode ser uma representante típica da indiferença dos mais jovens com relação ao pecado, também registrada na Pesquisa Folha: "Eu nunca me importei com isso, nem mesmo quando ainda acreditava em Deus", diz ela, que deixou de crer quando tinha "uns dez ou onze anos".

Pêlo & Pena

Fotos Gilberto R. dos Santos



Ivani Leme reconhece que seu pastor alemão late muito

Os vizinhos reclamam, mas cão de guarda é boa opção

MERCEDES SANCHEZ

Especial para a Folha

Ter cachorro em casa para garantir maior segurança já virou obsessão, principalmente entre a classe média. E aí vale tudo: desde um feroz cão policial até o famoso e querido vira-lata. Mas se por um lado eles chegam até a evitar assaltos, por outro acabam perturbando o sossego da vizinhança.

Ivani Leme, 40, mora no Campo Belo, bairro da zona Sul de São Paulo, e tem três cachorros — dois pequenos e um pastor alemão. Este ela comprou há um ano para guardar a casa. "O cão intimida o ladrão. Ele vai pensar duas vezes antes de entrar na casa", acredita. Sua família sente mais protegida com o pastor, mas a dona reconhece que ele late muito. Os vizinhos fizeram tantas reclamações que Ivani acabou colocando uma lona em toda a extensão da parte de baixo do portão da casa, porque quando as pessoas passavam na calçada o cachorro queria avançar, latia e assustava todo mundo, principalmente as crianças.

Na zona Oeste da cidade, no Sumarezinho, mora Neusa Passos Figueiredo, 18. Na sua casa também há um pastor que os pais resolveram comprar para dar mais segurança à família. Ele é bem barulhento, late bastante e Ivani já recebeu reclamações. "Tem uns vizinhos novos, que nem mudaram ainda, mas já reclamaram do cachorro. Quando eles vêm aqui olhar a reforma da casa, passam pelo nosso portão fazendo cara feia. Eu não posso fazer nada pra ele parar de latir. Os incomodados que se mudem." Ou não se mudem, no caso.

Rex, tormento dos vizinhos

Aldo, um garotão de 15 anos, é o dono do Rex, um vira-lata bem apanhado. Eles moram com a família numa rua sossegada do Campo Belo. Aldo garante que Rex é um bom guarda: "Morder ele não morde



Aldo (com a vizinha): Rex é bom guarda

Soltando as Penas

CAMPEONATO SUDESTE — Os melhores pastores alemães de São Paulo, Rio, Minas Gerais e Espírito Santo vão estar reunidos em Rezende (RJ), no Campeonato Sudeste organizado pela Sociedade Brasileira de Cães Pastores Alemães. A competição vai acontecer no próximo fim-de-semana: sábado a partir do meio-dia e domingo desde as 9h. Atenção para o local: casa grande da antiga Fazenda Penido, no km 310 da rodovia Presidente Dutra, em Rezende (RJ).

EXPOSIÇÃO E FESTIVAL — Também para o próximo fim-de-semana, o Kennel Clube de Ilhéus (BA) preparou duas exposições nacionais

de todas as raças, além do 4º Festival do Cão da Bahia, que vai mostrar o que é que o cão baiano tem. Maiores informações junto ao Kennel Clube local.

EXPOSIÇÃO NACIONAL — No próximo sábado o Bauru Kennel Clube promoverá uma exposição nacional de cães de todas as raças. Vai ser no Recinto Melo de Moraes, em Bauru (SP), a partir das 9h. E nos próximos dias 17 e 18 é a vez do ABC. O Kennel organizou dois dias de exposição para cães de todas as raças, no Terminal Rodoviário Intermunicipal, à rua Santo Antonio esquina com avenida Conselheiro Antonio Prado, em São Caetano do Sul (SP).

Pelo Correio

ARANHA CARANGUEJEIRA — Silvia, você disse que leu a reportagem publicada na "Pêlo & Pena" e ficou curiosa para saber como cuidar de um ovisaco que você encontrou. Olha, segundo a bióloga da USP Eudóxia Maria Froehlich, 56, o que você encontrou na verdade é um ovisaco, quer dizer, um saco cheio de ovos. É importante saber onde você o encontrou. Se o ovisaco estava pendurado numa planta, longe da mãe, não tem problema, não é de aranha venenosa. Agora, se você o achou jogado no jardim ou mesmo dentro de casa, cuidado: pode ser de uma aranha "armadeira", que tem um veneno muito tóxico, podendo até matar. Se o seu caso é o primeiro, e você quer criar as aranhinhas, a recomendação da bióloga é a seguinte: coloque o ovisaco num copo coberto com gaze e fique observando até os filhinhos saírem. O tempo pra isso acontecer varia de acordo com a espécie. Depois que eles saem, passam uma fase em que ficam todos juntinhos. Nesse período não é preciso alimentá-los. Na fase seguinte, eles se separam e cada um vai pra

um canto. Muitos vão morrer antes de chegar até aí, mas se você quiser adotar alguns dos que sobraarem é bom arrumar um terrarium e providenciar umas mosquinhas daquelas que ficam em bananas, por exemplo, para alimentá-los.

TARTARUGA JAPONESA — Erica, sua tartaruguinha mede uns dez centímetros. Não se preocupe, elas podem chegar a ter quinze. Quanto a ela não querer comer, pode ser sinal de algum problema respiratório, comum nesta época de frio. É bom você insistir na alimentação. Dê peixe cru, carne crua, verduras, legumes e frutas, tudo picado. Outra coisa: as tartarugas japonesas precisam tomar sol. É necessário que o aquário tenha uma rampinha para ela poder sair da água e tomar um banho de sol quando bem entender. Se possível, deve-se manter a temperatura água do aquário com um termostato. Se você fizer tudo isso, insistir na alimentação e ela continuar se recusando, procure um veterinário para saber direito qual o problema e como enfrentá-lo.

Dropes

★ O escritor e jornalista francês Jean François Revel visitou ontem o parque industrial de Cubatão, conhecido como o "vale da morte", devido aos altos índices de poluição.

★ Técnicos da Cetesb afirmaram que os moradores de Cubatão, município a 55 quilômetros de São Paulo,

não correm riscos com a presença de dióxido de enxofre na atmosfera.

★ Em agosto, a Telesp deve inaugurar um sistema de videotexto em Bauru, município a 337 quilômetros de São Paulo.

★ O ministro dos Transportes, Affonso Camargo, afirmou que a

partir deste mês será iniciada a recuperação de dois mil quilômetros de estradas em todo o País.

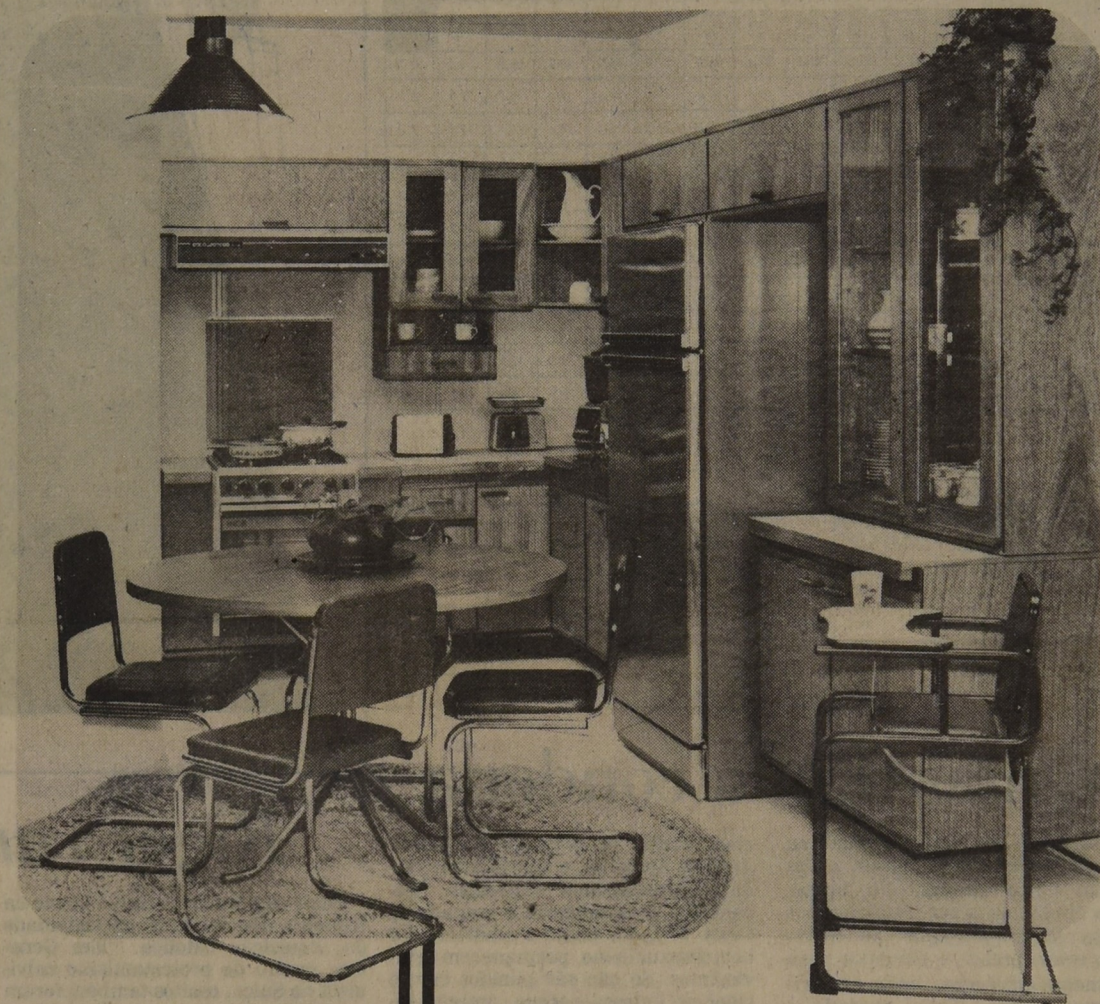
★ Pelo menos oito pessoas, já identificadas, estão envolvidas com as fraudes no Funnural no sertão da Paraíba, segundo informações do delegado da Polícia Federal Magnal-

do Nicolau, que preside um inquérito para apurar irregularidades no órgão.

★ O tenente-coronel Vasco Martins Cardoso foi eleito presidente da Associação Brasileira de Medicina das Polícias Militares em eleição realizada anteontem em Belém (PA).

CASA DO MÊS Mappin

(móveis a preço de fábrica)



arquitetos e decoradores para consultas.

Cozinha Marselha. Caixas revestidas interna e externamente com folheado de cerejeira, portas e puxadores de cerejeira maciça. Armário duplo com vidro Cr\$ 360.000, Armário geladeira Cr\$ 250.000, Balcão duplo sem tampo Cr\$ 380.000, Balcão gaveteiro sem tampo Cr\$ 450.000,

Conjunto para copa. Mesa redonda (1,10 m de diâmetro) c/ tampo de laminado cerejeira e 4 cadeiras estofadas. Cr\$ 740.000,



Dormitório para casal Man, folheado de cerejeira natural. Armário com 8 portas; cama-baú e duas mesas de cabeceira. Cr\$ 1.960.000,

Forração São Carlos Maxim agulhada. Várias cores. Cr\$ 24.000, o m². Orçamento grátis pelo fone: 32-5181

MP-7.509

VEJA A Casa do Mês Pça. Ramos 4.º ANDAR itaim PISO 2

Mappin GARANTE

AS LOJAS Mappin FICAM ABERTAS ATÉ MEIA-NOITE

Um dia na vida de DOM LUCIANO



Num cortiço da zona Leste, d. Luciano conversa com Josefa Conceição

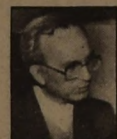
Continuação da página anterior

de canela rachada. De tanto que eles foram quebrados ao longo da vida, não têm mais nem como se reunir para juntar forças. Além disso, tem o problema da alta rotatividade dos cortiços, fica difícil organizar o pessoal. Por isso é que nos dedicamos tanto às crianças. Por meio dessa meninada, fica mais fácil mudar as coisas, mudar essa encrenhalhada toda", diz Miranda, enquanto d. Luciano assina documentos e pede à irmã Carmem para preparar o altar. Passa das quatro horas da tarde e ele ainda não rezou missa hoje.

O altar fica numa pequena capela montada entre a sala de Haroldo Miranda e o gabinete do bispo, que passa a maior parte do tempo fechado. Só depois de rezar a missa, na presença apenas de irmã Carmem, Miranda e outros três colaboradores, d. Luciano dá uma passada em seu gabinete. Não dá tempo nem para abrir as janelas. Uma mesa, uma estante, um saco de roupas velhas que angariou para dar aos pobres, dois telefones e um crucifixo na parede — é tudo, além de uma enorme Bíblia aberta na mesinha da sala de espera.

O crucifixo, feito de pedaços de telha de amianto e madeira rústica, tem um significado especial para d. Luciano. "Há sete anos, 24 barracos da favela do Quarto Centenário

foram destruídos por uma enchente. Sem ter para onde ir, com a ajuda da comunidade, os favelados começaram a montar novos barracos numa área do Jardim Imperador, que estava reservada para uma creche. Mas os moradores em volta não queriam uma favela ali e numa noite resolveram derrubar os barracos que estavam sendo levantados. Fui dar um apoio aos favelados e uma pedra que atiraram em mim acabou atingindo um garoto, que ficou muito machucado. Eram noventa pessoas



"O importante é ter sempre presente que a criança é sagrada"

atacando os favelados, muitas delas armadas. Foi a situação mais difícil que já enfrentei na minha vida. Tinha medo que os favelados reagissem, que aquelas pessoas se matassem umas às outras. No dia seguinte, o pároco de lá, o Patrick Dundon, que já voltou para a Irlanda, recolheu restos dos barracos destruídos e fez este crucifixo."

Para um homem como d. Luciano não poderia, de fato, haver símbolo melhor: com os destroços das suas lutas, ele vai reunindo forças para as

batalhas seguintes. No final da tarde, quando resolve dar uma passada na sua casa, antes de prosseguir em sua agenda, que ainda incluía uma ida à gráfica da Editora Loyola, para ver a quantas andava a impressão de documentos da CNBB, visitas a doentes e uma passada em três igrejas — São José do Belém, Cristo Rei e Nossa Senhora de Lourdes —, que organizaram vigílias para o dia de Corpus Christi, d. Luciano vê dois indigentes caminhando na calçada da rua Cajuru. "Esses dois são meus também, o Rogério, o Jaime..."

No jardim, já há um terceiro deitado no capacho junto à porta. D. Luciano tenta falar com ele, mas o homem está bêbado, desacordado. "É o Celso. Tem dez filhos. Quer dizer, tinha, porque dois a polícia matou. Homem trabalhador. Trabalha em escavações, mas não recebe. Deve estar muito mal, porque nunca vi ele assim. Já entrou na fase do desespero. Podem chamar isso de assistencialismo. Mas o que vou fazer? Vou deixar esse homem morrer, com oito filhos para criar?"

Mal entra na casa, a campanha toca. É mais gente chegando ao pátio dos milagres do bispo dos miseráveis — não só deles, mas também deles. No meio daquele tumulto, que já é rotina na sua casa, pergunto a d. Luciano como ele consegue conciliar esta ajuda direta que dá aos necessitados com seus papéis de bispo, secretário-geral da CNBB, coordenador da Pastoral do Menor etc. D. Luciano pede a irmã Carmem mais um café — já perdi a conta de quantos tomamos o dia todo — e pára um pouco na cadeira, toma um fôlego para pensar antes de responder.

"Essa reflexão eu faço sempre. Tudo isso é um trabalho concomitante, que acompanha a vida. É sempre um início, um embrião na busca de novas soluções, na perspectiva de uma humanidade, de uma sociedade em que haja mais fraternidade e que seja um sinal do Reino de Deus. Tudo isso se conecta, não são problemas isolados. São muito ligados aos eventos do dia."

Corto sua reflexão para insistir: onde entram aí questões como a unidade da Igreja — certamente abalada com os recentes episódios envolvendo a Teologia da Libertação e, particularmente, frei Leonardo Boff — e o novo quadro institucional brasileiro com a volta dos civis ao poder? Mas d. Luciano prefere falar das crianças.

"Uma criança bem assistida induz ao surgimento de uma sociedade mais justa. No momento em que me dedico às crianças isso não é um fato isolado, circunscrito aos problemas imediatos. Mas é ligado a um dinamismo propulsor de uma nova sociedade, em que haja mais justiça. Ainda que os frutos não sejam constatáveis de imediato, nota-se que o processo está cada vez mais em ação. O processo em si já é um valor. Ainda que esta sociedade não fique construída, acabada, o próprio processo é dignificante. O trabalho na CNBB, sem dúvida, oferece uma dimensão maior, nacional, a determinadas ações pastorais..."

Há muita gente querendo falar com d. Luciano e percebo que, depois de quase doze horas, a presença do repórter e do fotógrafo, o tempo todo a seguir seus passos, começa a incomodá-lo. Só peço para fazer uma última pergunta: de onde ele tira forças para levar essa vida sem parada, na sua alucinante procura do bem estar de todos sem jamais se preocupar com o próprio?

"A força vem da missa diária, vem do contato, da convivência com as crianças e do apoio das comunidades vivas."

D. Luciano vai até a calçada para se despedir também do fotógrafo Matuite Mayezo, que não lhe deu folga um minuto, nem durante a missa, e do motorista Juvenal, que

durante todo o dia tentou acertar os tortuosos caminhos do bispo na sua peregrinação pela diocese dos cortiços. Antes, porém, faz mais um pedido ao repórter para não personalizar a reportagem, para falar mais dos problemas da região do que da vida do bispo. De que jeito, se as histórias se misturam, se o homem e

a obra a todo momento se fundem numa mesma luta por algo tão simples quanto difícil — uma vida digna para todos? Na calçada já junta gente de novo, e assim será, certamente, enquanto o bispo da Região Episcopal do Belém se chamar Luciano Pedro Mendes de Almeida.

TABACOW É COM PEDROSO

CARPETES

CARPETE IPANEMA
TABACOW - de 53.900,00

por **29.990,00** o m²

CARPETE PLANALTO
TABACOW - DE 79.000,00

por **47.000,00** o m²

CARPETE BRISTOL TABACOW
de 110.000,00

por **68.000,00** o m²

CARPETE VERMONT TABACOW
de 249.000,00

por **170.000,00** o m²

TAPETES

TAPETE PÉRSIA
2,00x3,13

por **50.000,00**

TAPETE 2'x3'

TAPETE LÃ DE CARNEIRO EXPORTAÇÃO
exclusivo Pedroso, de 1.750.000,00
inclusive tamanhos por encomenda

COLOCAÇÃO GRÁTIS!

ita

BEMA

CONHEÇA OS EXCLUSIVOS

dura NYLON
pedroso
4 m